

**Davy Bogomoletz: O fio de Elsa Dias e o labirinto de Winnicott: resenha sobre *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, de Elsa Oliveira Dias**

**Dias, E. O. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial.**

Eu já havia escrito um esboço desta resenha pouco depois da publicação da primeira edição do livro, mas acabei optando por não publicá-la. Volto à carga agora, na sua segunda edição, porque este é um livro que merece, acima de tudo, ser exaltado, comemorado, compartilhado. Quem sabe desta vez meu apreço e minha contribuição aos esforços da autora se tornem públicos – não porque *eu* o mereça, mas porque *ela* o merece.

O livro *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott* (Imago, 2003 e DWWeditorial, 2012), é de tirar o chapéu. Primeiro, à tenacidade e à lucidez da autora: juntar pedrinha por pedrinha as formulações dispersas, espalhadas por Winnicott numa montanha de textos diferentes, tecendo-as com a devida precisão umas às outras, como pecinhas de um grande quebra-cabeças, é um feito. Segundo, à obra de Winnicott propriamente dita, colocada, aqui, com princípio, meio e fim de um modo que o próprio Winnicott, quando tentou (*Natureza Humana*), não conseguiu (revisou o livro por vinte anos, e morreu sem completá-lo). O que Dias fez foi provar – se é que ainda havia necessidade, mas todos nós sabemos que havia – que Winnicott não é, como diz Charles Rycroft (1985, p. 34) um autor a quem falta uma teorização consistente, nem que padece de uma genial desarrumação, como diz Pontalis (1984, p. 28, grifo meu): “Pode-se retrair o pensamento de Freud, pode-se expor a teoria de Melanie Klein, e pode-se ainda mais sistematizar a de Lacan. Tentar isso com Winnicott será perder o melhor. Aquilo que me sensibilizou e a que permaneço sensível é ao *efeito Winnicott*.”.

Dias mostra que não falta a Winnicott uma “teorização consistente”, muito pelo contrário, e que o “efeito Winnicott” não cessa quando alguém, com a devoção (belo termo tão usado por Winnicott, aplicável com certeza ao caso em questão) e o intelecto necessários (que Winnicott dispensa no caso do bebê...), garimpa ao longo de sua obra e encontra as peças

que se encaixam umas nas outras, formando o desenho que os que já o estudam (bem) há algum tempo tinham na cabeça, mas que ninguém havia ousado revelar (como se faz com uma fotografia). Este é um livro que, uma vez vertido ao inglês, fará grande sucesso no mundo psicanalítico, pois nenhum outro a ele se assemelha – que eu saiba. É verdade que o “efeito Winnicott” de Pontalis se perde em certa medida, pois estamos todos acostumados a um Winnicott essencialmente não linear. Dias realmente retira do texto winnicottiano aquele tom de quem, contando a vida humana, usa a sensibilidade do escritor para enfeitar a precisão do cientista. Para Dias, essa precisão é que era o *X* da questão. Conheço outros textos da autora, que, ao apresentar ideias próprias, é tão poética e literária quanto Winnicott no original. Este trabalho específico, porém, uma tese de doutorado, tinha um compromisso mais *técnico* – talvez fosse melhor dizer, conceitual – do que *estético*, eu diria.

Uma imagem do mundo da música explica um dos aspectos do que quero dizer – e explica a palavra “(bem)” aí de cima. Muita gente conhece Winnicott. Mas a facilidade com que, ao mencionarem alguma de suas ideias, uma grande parte dessas pessoas “desafina” é um fenômeno digno de nota. Já ouvi coisas inacreditáveis ditas como se fossem ideias de Winnicott, e já me deparei com desafinações tão sutis, que só depois de muito tempo consegui perceber o que estava errado. Dias, com seu trabalho, além de (a meu ver) não desafinar em momento algum, descreve com precisão as nuances e os paradoxos embutidos nas ideias do autor, estabelecendo, assim as “notas” certas para “tocar” qualquer uma das suas (de Winnicott) melodias. Na página 66, por exemplo, ela menciona um ponto em que muitos cometem erros grosseiros ou sutis ao falarem de Winnicott: quando se trata do ambiente em torno do bebê, para muitos ele é um ambiente concretamente externo. Dias mostra como, para Winnicott, trata-se de fato de um ambiente percebido subjetivamente, portanto impossível de situar seja “dentro” seja “fora” do bebê. E esse é apenas um dentre os milhares de notas e acordes que perfazem a sinfonia winnicottiana. Certa vez, (há bastante tempo – ela não mais diria isso hoje, tenho certeza) ouvi de uma psicanalista (na época ainda jovem) o relato de uma sessão em que seu jovem paciente, em certo momento, jogou uma almofada em sua direção. Ela a apanhou no ar e a devolveu, e ele a jogou de volta. Ficaram assim atirando a almofada um (no? para o?) outro, e até aí tudo bem. O espanto veio quando a moça se referiu à almofada como a um “objeto transicional”, porque ficava no meio do caminho entre ela o paciente... É a isso que eu chamo de “desafinação”.

As citações de Winnicott que Dias utiliza são conhecidas, em sua maioria, mas as formulações de Dias a respeito são, sempre, bonitas em si mesmas. Dizem as mesmas verdades com cores novas, reproduzem pensamentos que já conhecemos por meio de expressões pessoais, originais, e por vezes explicam algo que Winnicott indicou, mas não explicitou por inteiro. Pois não basta *saber* Winnicott para reproduzi-lo, é preciso *compreender* Winnicott para poder vivê-lo, para poder dizê-lo como se fosse uma descoberta pessoal. Algo que ele próprio exige com veemência mais de uma vez. (Tipo “Não me obedeçam, me reinventem!”) Obviamente trata-se de um paradoxo, mas, como ele mesmo diz, um paradoxo que não deve ser resolvido, um paradoxo a ser – como tantos – respeitado, e saboreado.

Do livro surge, então, (*malgré Pontalis*) uma teoria sistematizada, e (*in spite of Rycroft*) consistente. Disso tudo me surge a ideia de que Winnicott é realmente diferente dos outros teóricos. Aos outros teóricos basta estudar, ponto a ponto, como se estuda uma ciência ou uma teoria novas. A Winnicott é preciso ir conhecendo pouco a pouco, como vamos conhecendo um/a namorado/a, um/a filho/a, um/a amigo/a ou um/a paciente. Pode ser que ele o tenha feito propositalmente (por sentir, depois de tantas brigas com os kleinianos que uma teoria linear da vida humana estava, apesar de sua tentativa em *Natureza Humana*, condenada à esterilidade), ou que o tenha feito porque, como ele diz, “minha mente não funciona dessa maneira” – referindo-se aos teóricos “sérios”, que escrevem em linha reta e dizem sempre de onde veem as suas ideias. Mas também pode ser que tenha sido o *concern* (ver “concernimento”, no livro), essa genial descoberta de Winnicott, que o tenha levado, desde o início, a escrever como escreve: Um *concern* por esse ser humano que ele passou a vida ouvindo, e do qual passou a vida falando. Pois a questão, em ciência, não é ser linear ou não no estilo, mas ser internamente consistente e unitário. A Winnicott – por tudo que sei dele – não seria possível ser “científico” no estilo (objetivo, *detached*, e por fim impessoal, como manda a boa ciência do mundo não humano) em se tratando de nossos (dele) semelhantes. Pois sempre que falamos de pessoas falamos também de nós mesmos. E é ele quem diz, em “O medo do colapso”:

Naturalmente, se o que digo tem em si verdade, esta já terá sido tratada pelos poetas do mundo, mas os clarões de insight que surgem na poesia não podem absolver-nos de proceder à penosa tarefa de afastar-nos passo a passo da ignorância em direção ao nosso objetivo” (1963/1994, p. 70).

Essa inclusão do “cientista” no mesmo campo por ele estudado é uma das marcas registradas de Winnicott. (Fiquei sabendo, por estes dias, que Niels Bohr, o físico teórico, mereceu críticas azedas de Einstein por ter tido a audácia de presumir, no início do séc. XX, a inexistência de um hiato separando observador do observado. Cá entre nós: Se isto vale para o binômio ser humano (observador) e partícula subatômica (observada), quanto mais não valerá para uma situação em que o ser humano (psicanalista) observa um *outro ser humano* (paciente)!...) Daí sua grandeza. E daí também sua “bagunça”. Pontalis, portanto, tem razão (mas não quando deixa nas entrelinhas a impressão de que se trata de um “defeito” de Winnicott).

Thomas Ogden escreveu um texto mostrando como Winnicott usa recursos literários perfeitamente identificáveis para, com eles, reforçar o sentido daquilo que está dizendo. A mim ocorre, neste momento, que toda a obra de Winnicott é uma expressão em “estilo adequado”, onde ele explica o ser humano exatamente do mesmo modo como diz que devemos entendê-lo: aos poucos, assumindo um não-saber e suportando o espanto, a dúvida e a surpresa que tornam o encontro com esse ser humano tão mais fascinante, por exemplo, do que o encontro com uma máquina ou um animal, apesar de tantos humanos preferirem estes últimos... (Ver Buber, Bakhtin, Lévinas e todos os filósofos não solipsistas.)

Ler Winnicott é passear nas entrelinhas, é percorrer as vielas de uma velha cidade, acolhedora apesar de desconhecida (o que tanta gente diz sobre Praga, por exemplo). Dias não se deixou assustar pelo mito sagrado da “impenetrabilidade” de Winnicott, nem pela maldição de sua “inconsistência”. Foi lá, garimpou, peneirou, juntou os fragmentos colecionados, como fazem os arqueólogos, e nos presenteou com esta bela obra – um verdadeiro *mapa* do “labirinto de Winnicott”. Será, certamente (e, de novo, uma vez vertido para o inglês), a comprovação definitiva de que Winnicott fez uma teoria integrada, consistente, coerente, e sobretudo bela, sobre esse fenômeno tão infinitamente sutil e intrincado que é a vida humana.

Dias introduz assim o território que percorreu:

Para situar a perspectiva a partir da qual Winnicott desenvolve a teoria do amadurecimento e a teoria dos distúrbios psíquicos, deve-se sublinhar que ele foi um pediatra que se tornou psicanalista [na década de 20 do século XX] em virtude da convicção, confirmada em sua prática clínica, de que a maior parte dos problemas que levavam mães e bebês ao seu consultório [no hospital] era devida a dificuldades emocionais extremamente primitivas (Dias, 2012, p. 14)

Se nos lembrarmos de que uma estatística recente constatou que, em tempos de greve dos serviços de saúde no Rio de Janeiro (tomado como exemplo) a frequência aos *ambulatórios de pronto socorro* cai em quase 75%, ficaremos espantados com a precocidade da percepção desse inglês baixinho e irrequieto chamado Donald W. Winnicott.

Muito do seu pensamento, aliás, pode ser percebido como “adiantado” para sua época. Se Freud e Melanie Klein integram-se perfeitamente à modernidade, Winnicott só pode ser considerado um pensador “pós-moderno” (ou *hipermoderno*, como prefere Nahman Armony em seu livro recém-lançado – *O Homem Transicional* – adotando a proposição de ...), por mais que sobrem os que se opõem a esse tipo de classificação. Não há dúvida, para mim, de que o pensamento winnicottiano integra o que há de mais avançado na história da ciência, pois com as suas noções de espaço transicional, um paradoxo a ser respeitado, ele ultrapassa a dialética e a percepção pretensamente “objetiva” da realidade, pondo esta última no mesmo lugar em que a pôs a Física Teórica com suas descobertas e formulações mais recentes. Só um físico quântico pode falar, sem perigo de ser internado, de efeitos que ocorrem antes de suas causas (“o mais profundo nem sempre é o mais primitivo”, diz Winnicott), de fenômenos que só podem ser classificados em duas categorias ao mesmo tempo – a luz, por exemplo, composta tanto de partículas quanto de ondas, conforme o tipo de observação que se faça (o objeto transicional situa-se, ao mesmo tempo, nos mundos da realidade objetiva e da fantasia pessoal), de uma “verdade” que só pode ser descrita em termos estatísticos e probabilísticos, e de fenômenos que ocorrem porque os observamos de certo modo, e não de outro (em paralelo ao que diz Winnicott sobre as potencialidades do recém-nascido, que só se atualizarão plenamente se forem adequadamente possibilitadas – ou seja, percebidas *a priori* – pelo ambiente), e ainda da dupla significação de uma mesma “verdade” – o paradoxo, sem o qual não se pode realmente compreender os fenômenos humanos. (Enquanto Freud, por exemplo, situa a saúde mental na separação entre amor e ódio – “resolução da ambivalência”, Winnicott, ao contrário, afirma que só a “conquista da ambivalência”, isto é, a liberdade de amar e odiar ao mesmo tempo a mesma pessoa, é que coloca o indivíduo nessa condição).

E é Winnicott quem, com seu jeito manso e pouco assertivo, ousa fazer uma verdadeira teoria da *saúde mental* (ver “O Conceito do Indivíduo Saudável”, em *Tudo Começa em Casa*), deixando claro, de passagem, (ver “A Mente e sua Relação com o Psicossoma”, em *Da Pediatria à Psicanálise*) que “saúde mental” é um conceito errado e

inútil, e que se há saúde, ou ela é emocional, ou é do ser como um todo – tudo menos “mental”). Talvez devêssemos mesmo começar a insistir – aprendendo com ele – na necessidade de abolir o termo “saúde mental” e adotar “saúde humana”, ou algo assim. Os médicos ficariam sabendo, então, com clareza, que enquanto cuidam exclusivamente da maquinaria somática estão longe de contribuir para a “saúde humana”, pois esquecem (negam? denegam?) que o “cadáver” que estão “consertando” está vivo, e que há nesse ser vivo algumas especificidades que o diferenciam dos outros animais, e então das duas uma: ou passariam a se preocupar com algo mais do que com essa “engenharia” (ou com essa “veterinária”) que parece ser o seu objeto de desejo predileto, ou admitiriam que seu trabalho, quando se resume ao *hardware* do homem, deve no mínimo respeitar a nossa (dos psicólogos e psicanalistas) dedicação ao *software* humano, sem o qual o *hardware* não é mais que um cadáver, ou um animal.

Obviamente, é difícil fazer uma “teoria da Saúde Humana”, pois se a própria psicanálise mal completou um século de existência, esta última preocupação tem só, a partir de Winnicott, uns quarenta anos de vida. Mas a semente plantada por ele está germinando, e com a ajuda de Dias poderemos vê-la florescer nos próximos anos. (Confesso desconhecer a contribuição de Kohut nesse sentido, e se eu estiver sendo injusto com ele, ficarei contente se alguém me corrigir.)

Do mesmo modo, a dificuldade que é discutir abertamente a questão (transicional, paradoxal) do binômio ambiente, o mundo interno está fadado a dar um lugar central à integração definitiva dessas duas vertentes da nossa vida, tão afastadas uma da outra até tão pouco tempo atrás. A Educação, por exemplo, ainda não absorveu devidamente que seu campo de trabalho não é a informação, e muito menos o adestramento, mas a complementação (e até mesmo a substituição, nos últimos tempos) do trabalho iniciado pela família, de proporcionar aos cidadãos de pouca idade condições para crescerem não só em termos objetivos (físicos e cognitivos – o positivista “*mens sana in corpore sano*”, tão cego e tão fascista), mas também subjetivos (emocional e culturalmente).

Quando Dias fala da “relevância do estudo da Teoria do Amadurecimento”, nas páginas 19 e seguintes de seu livro, ela nos fornece exemplos preciosos de até que ponto mesmo aqueles que estudaram Winnicott deliberadamente, enquanto admiradores (M. Davis e D. Wallbridge, M. Jacobs, J. Abram, André Green, J–B Pontalis, C. Rycroft, entre muitos

outros) nem sempre conseguiram apreender direito do que estava ele falando, e de o quanto o seu estilo indireto (provavelmente proposital, como sugeri acima) nada tem de “falho”, “inconsistente” ou “inabordável à lógica”. Obviamente, o grande responsável por essa pletora de enganos e desentendimentos foi Descartes, com suas invenções modernas do pensamento em linha reta e da objetividade, que tanto contribuíram para o avanço das ciências exatas e da natureza, mas tanto atrapalharam o estudo da vida especificamente humana. A educação no espírito de Descartes, de que fomos vítimas todos nós, condicionou (por vezes irremediavelmente) a nossa maneira de pensar, e poucos de nós conseguiram escapar, e nem sempre totalmente, das garras mentais desse genial (e diabólico) francês. Ainda se passará algum tempo antes de o “cartesianismo mental” parar de avassalar (no sentido de “tornar vassalo”) a humanidade, mas não há por que desesperar: Winnicott está aí, ensinando o caminho, contribuindo entusiasticamente com o esforço de Wittgenstein (como insiste Newman em *As Ideias de Winnicott – um Guia.*)

A especificidade da contribuição de Winnicott ao pensamento sobre o homem é, portanto, de uma importância que nunca se exagera o suficiente. Volta e meia, ao ler o que escreve determinado autor, dou-me conta de quanto ele teria ganho se conhecesse Winnicott. Um deles, há tempos, foi Fritjoff Capra, com *O Tao da Física e Sabedoria Incomum*. Outro (a quem comecei a ler somente há pouco, tanto tempo depois) é Marshal Berman, com seu admirável *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar*. São apenas dois exemplos, mas não é preciso ir mais longe para deixar claro que inúmeros escritores ao longo dos últimos tempos tentaram com mais ou menos êxito ir além de Descartes e falar da vida humana como ela realmente é (num sentido que não o de Nelson Rodrigues, claro), com sua fascinante complexidade que não se deixa reduzir e com sua deslumbrante sutileza que nunca deixa de surpreender.

Por exemplo, a belíssima análise que faz Berman do “caso” Fausto, de Goethe, me fez *ver*, nítido como a lua cheia em céu sem nuvens, o par *ser e fazer*, de Winnicott, em suas constantes evoluções um em torno do outro, ou em seu conflito que, quando termina em vitória de um sobre o outro, leva à doença. O que quero dizer com esse exemplo é que, infelizmente, a pouca visibilidade da contribuição de Winnicott no mundo intelectual (devida à insuficiente importância que lhe deram até hoje, mesmo no mundo da psicanálise), privou inúmeros autores de uma ferramenta de análise extremamente produtiva. Prova disso é o trabalho do filósofo Rogério Luz, por exemplo, que utilizou as ideias de Winnicott para

discutir arte, cinema, comunicação, com resultados deveras deslumbrantes. Ou certos textos de Catherine Clément, tão belos em sua infinita delicadeza e contundência. Nas páginas 121-122 de *A Teoria do Amadurecimento*, encontramos esta bela formulação de Dias:

Pela teoria do amadurecimento de Winnicott, nada está determinado de antemão. Há apenas a virtualidade de uma tendência na direção da integração, que leva, na saúde, à constituição de uma identidade unitária e ao estabelecimento de relações com o mundo e os objetos externos. [...] A existência não está fundada em nenhuma positividade prévia que carregue em si determinações causais, que o processo de amadurecimento apenas levaria a termo. Não há forças dotadas de metas que lhes seriam intrínsecas, nem, já no começo, um conflito pulsional que ponha a vida em movimento, independente do indivíduo ele mesmo e da circunstância em que ele está lançado. (Dias, 2012, pp. 121-122)

Pois é desse mesmo modo que Winnicott sugere que se forma o *self*, que Dias chama de “si mesmo”, (e confesso que não gosto dessa expressão, vou morrer preferindo *self*) a partir de “núcleos do ego” que se integram. Na página 143 encontramos Winnicott dizendo que “o ego do bebê é ao mesmo tempo fraco e forte. Tudo depende da capacidade da mãe de [lhe] dar suporte [...]”, e logo depois, que o ego do bebê “é fraco ao extremo, se não existe um meio ambiente facilitador”. Paradoxos. Nada há que a mãe possa *fazer* para fortalecer esse ego incipiente. Aliás, um dos cavalos de batalha de Winnicott é o fato de que se a mãe *tentar fazer* algo, seu tiro sairá pela culatra, e o resultado será contra-producente (formar-se-á um “falso *self*”: uma “pseudo-personalidade” adaptada à vontade do outro [no início, da mãe], ocultando no fundo de si, às vezes para sempre, a pessoa verdadeira que poderia ter existido). Ou seja: É possível *ajudar* o ser humano a tornar-se ele mesmo. Não é possível, porém, *fazê-lo* conseguir isso. Paradoxo? Claro, mas não é só um paradoxo, desses que não se deve resolver. É também a sentença de morte virtual (pois ninguém ainda a implementou) de todo e qualquer tirano (aquele que impõe aos outros sua ideia de como *eles* devem ser).

Aliás, a dimensão política de Winnicott (ver “Algumas Considerações sobre o Significado da Palavra Democracia”, por exemplo, mas não só), da qual Dias não chega a falar (ao menos na primeira edição, pois o trabalho é acadêmico, de análise estrita de fontes primárias, não de interpretação das suas derivações possíveis), é algo que ainda espera por seus audazes perpetradores (embora Júlio de Mello Filho, Sérgio Belmont e eu mesmo, no Brasil, e Sônia Abadi, na Argentina, já tenham fincado algumas estacas dessa construção).

Em várias ocasiões, Dias cita o filósofo Zeljko Loparic, o qual vem realizando um trabalho epistemológico de valor inestimável sobre a contribuição winnicottiana em confronto com a da psicanálise dita “clássica”. Não era objetivo de Dias discutir esse aspecto da questão, mas não seria possível fugir inteiramente a ele, mesmo numa análise estrita das fontes primárias. Porque Winnicott não é, ao mesmo tempo, nem um “continuador” (como Melanie Klein) nem um “refutador” (como Fairbairn) de Freud. Winnicott promove, como demonstra Loparic, uma “revolução científica”, à maneira de Einstein sobre Newton ou de Bohr e Heisenberg sobre Einstein, por modificar radicalmente o paradigma central sobre o qual esse campo científico girava até então. (Ver, nos escritos de Loparic, mencionados consistentemente por Dias, os inúmeros e importantíssimos argumentos que esse autor utiliza para construir sua ideia central).

A Teoria do Amadurecimento de Winnicott, no trabalho de Elsa O. Dias, recebe finalmente o reconhecimento e a homenagem que o mundo psicanalítico lhe devia há tempos. Em suas considerações finais, Dias situa o leitor num contexto mais amplo que até então, saindo por breves momentos (breves demais, mas fica o convite para estendê-los) da “análise estrita das fontes primárias” para dizer coisas como (Dias, 2012, p. 288): “Num caso como este, é preciso que o analista seja capaz de acompanhar, tolerar e mesmo propiciar ao paciente a experiência cabal da identificação delirante”. “O paciente estava em busca do tipo certo de *analista louco* [...]”, diz Winnicott (1969/1994, p. 148), e “a fim de atender à sua necessidade, tive de assumir esse papel”. É desse tipo de psicanálise que falou Winnicott, e que fala Dias, e que eu desejava falar. Ele inverte a máxima de Descartes – “Penso, logo existo”, para afirmar que, na verdade, “Existo, logo penso”, (ver, por exemplo, o parágrafo entre as páginas 292-293 d’*A Teoria do Amadurecimento*). E deixa claro que primeiro inventamos (ou seja, *deliramos*), e só quando recebemos do nosso ambiente primário a plena liberdade de inventar é que passamos a poder aprender, e que na formulação perfeita de Dias (2012, p. 294) “o brincar [ao mesmo tempo mãe e filho da invenção] é terapêutico não por exprimir conflitos inconscientes, mas em si mesmo, por ser uma forma natural de vida e de criatividade”, deixando claro (tanto Winnicott quanto Dias) que é no exercício mesmo desse misterioso fenômeno chamado “condição de sujeito” que surge o lugar para um verdadeiro “sujeito”, pai (morto a pauladas pelos intelectuais dos fins do século XX) disso que hoje chamamos “cidadão”. Winnicott não dá margem a dúvidas: o ser humano, embora nasça dentro de um

grupo social e dele receba a matéria prima essencial para *vir a ser*, não é *fabricado* por esse grupo social. Ele vem ao mundo “em branco”, mas só em termos cognitivos: é seu potencial intrínseco (inato) que *se apropria* (quando deixam, quando não o obrigam a engoli-la) da matéria prima fornecida pela sociedade para reinventar o mundo onde irá viver, e qualquer tentativa de modificar esse processo resulta em doença (“mental”, social, ou mesmo somática).

É disso que trata a “teoria do amadurecimento”, que mereceria também ser chamada de “teoria da vida realmente humana”. O livro de Dias o deixa perfeitamente claro. Para todos nós, terapeutas de orientação winnicottiana, esse livro é ao mesmo tempo uma bênção, uma inspiração e uma legitimação inestimáveis.

É claro, ainda assim, que num livro destas dimensões não poderiam faltar pontos obscuros e coisas sobre as quais tenho dúvidas. Ou, para não dizerem que *só* falei de flores:

O livro de Elsa O. Dias, a meu ver, é difícil demais para um principiante em Winnicott, e, sendo uma “normalização” da contribuição científica de Winnicott, no sentido de Kuhn, apresenta poucas novidades para um leitor veterano. Dias realiza, no papel, e de modo preciso, o trabalho que todos nós – adeptos de Winnicott com mais tempo de casa – tivemos que fazer, com maior ou menor precisão, em nossas mentes, “construindo” (no sentido oposto à desconstrução de Derrida) a esfera (pois de modo algum trata-se de uma linha reta) da teoria winnicottiana em nosso espaço mental. Não foi intenção da autora, pelo que pude depreender, espantar seus pares com novas descobertas. Afinal, a ciência que Kuhn denomina “normal” é aquela à qual os que a praticam já estão acostumados. Ela refuta apenas os pontos de vista daqueles que teimavam em não enxergar em Winnicott uma verdadeira contribuição à psicanálise.

Talvez se possa comparar o feito de Dias ao daquele sábio judeu mencionado por Freud, *Yohanan ben Zacai*. Este, temendo que a destruição da Judeia por Roma condenasse ao esquecimento mil anos de comentários ao texto bíblico (jurisprudência – adaptações sucessivas das leis bíblicas originais às cambiantes condições sociais), passados até então de geração em geração por transmissão oral, codificou-os, transgredindo o mandamento que proibia escrever essa jurisprudência, o que poderia ser visto como um acréscimo ao texto original, considerado sagrado, coisa terminantemente vedada sob pena de incidir em blasfêmia. O resultado chamou-se *Mishnáh*, e os comentários a esta (a *Guemaráh*), pois ela

própria, de tão condensada, não facilitava a vida dos leitores, deram origem a esse monumento judaico à inteligência humana chamado *Talmúd*.

O que me parece necessário dizer é que o livro de Dias precisará de muitas, muitas explicações adicionais (talvez, agora, invertendo o processo de Zacái, trate-se de explicações orais, transmitidas pela geração de veteranos aos que se iniciam nos estudos winnicottianos) para poder fazer o seu trabalho. Imagino inúmeros grupos de estudos, no futuro, debruçados sobre o livro de Dias, em que os alunos, como dizem os clássicos, *sedentos de saber, beberão, sôfregos, as palavras de seus mestres*, os prosaicos colegas e futuros de Dias.

Trata-se, portanto, de um livro que, pretendendo resolver de uma vez por todas a dificuldade de entender Winnicott, cria uma nova: a dificuldade de entender as suas próprias formulações.

Isto, porém, não constitui um demérito, e sim um pecado inevitável em qualquer tentativa deste tipo. Para os que forem trabalhar Winnicott daqui por diante, o livro de Dias funcionará como uma referência, como um balizador, como um *vade mecum* psicanalítico, similarmente ao modo como funciona, para a teoria de Klein, o livro de Hannah Segal, e como funciona, para os que desejam conhecer o *Talmúd*, o código escrito no século XII pelo célebre Maimônides (“professor” de Santo Tomás de Aquino).

Um problema importante que me criou dificuldades é o método de catalogação dos textos winnicottiano citados. Por várias vezes busquei o título do texto de alguma citação e não o encontrei na extensa bibliografia ao final. Fica a sugestão para, numa próxima edição, essa dificuldade ser resolvida.

Não posso concluir esta resenha sem mencionar o seguinte: deparei-me, bem depois de ler o livro, com a epígrafe em seu início, um parágrafo inacreditável do poeta alemão (e louco!!!) Hölderlin, que antecipa, em muitas e muitas décadas, a ideia central de Winnicott:

*Deixem o homem imperturbado, desde o berço. Não o expulsem do bulbo estreitamente unido do seu ser; não o expulsem da casa protetora de sua infância. Não façam de menos, para que não sinta vossa falta e, assim, vos separe de si mesmo. Não façam demais, para que ele não sinta a vossa violência ou a sua própria e, assim, vos separe de si mesmo. Em suma, deixem o homem saber só tardiamente que há seres humanos, que há alguma coisa fora dele, pois só assim ele se tornará homem. O homem é um deus assim que se torna homem. E sendo um deus, ele é bonito.* (Hölderlin, 2012, p. 113, grifo meu)

Terá Winnicott lido isto algum dia, e “colado” de Hölderlin? Pode ser, mas creio que ele o teria mencionado. Em todo caso, uma “cola” genial como essa pode e deve ser perdoada, não? Além do mais, tais palavras confirmam uma das afirmações mais caras a Winnicott: “[...] em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição” (1966/1975, p. 138)

Eu próprio já me havia deparado com coisas do mesmo gênero. Em minha dissertação de mestrado (sobre o Hassidismo, um movimento místico judaico do século 18, visto sob a ótica de Winnicott) há a seguinte citação: “*Se eu sou eu porque eu sou eu, e tu és tu porque tu és tu, então eu sou eu e tu és tu. Mas se eu sou eu porque tu és tu, e tu és tu porque eu sou eu, então nem eu sou eu nem tu és tu*”. Esta antecipação espantosa do “falso *self*” foi dita por um obscuro (mas genial) rabino do século 18, numa obscura e perdida aldeiazinha do interior da Polônia, uns cem anos antes de Winnicott nascer. Mas confesso que o trecho de Hölderlin espantou-me ainda mais.

Confesso também, por fim, que me foi impossível fazer justiça plena a este trabalho de Elsa Oliveira Dias. Ele é amplo demais e rico demais para que me fosse possível abarcar todos os seus aspectos relevantes num texto que ainda poderia ser chamado de “resenha”. O que posso dizer é que quem quiser, daqui para a frente, escrever um texto usando a contribuição de Winnicott, já sabe onde procurar referências, esclarecimento e confirmação.

Não tenho dúvidas de que Dias se afirma, com seu livro, como autora psicanalítica de nível internacional. Depois de tanto ler Winnicott e tanto ler sobre Winnicott, percebo-me exaltando o mais que posso esta obra. Pois eu não poderia, sob pena de ser culpado de incompetência ou má fé, deixar de fazê-lo.

## Referências

Dias, E. O. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial.

Hölderlin, F. (2012). *Hipérion ou o eremita na Grécia*. Rio de Janeiro: Forense.

Winnicott, D. W. (1963). O medo do colapso (*Breakdown*). In D. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Winnicott, D. W. (1966). A localização da experiência cultural. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 133-144). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D. W. (1969). Resposta a comentários (Parte III do capítulo 28, Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos [split-off]). In D. Winnicott, *Explorações Psicanalíticas* (pp. 148-150). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.